

Sá de João Pessoa

(Poeta Popular)



Antologia de Cordel #3

Rio de Janeiro
2009

O cordel em mim

O cordel passou por minha vida desde a infância. Entre os vários divertimentos que eu tinha para passar o tempo que gazeteava a aula, um deles era ficar ouvindo os poetas cantarem e venderem folhetos no Mercado Central. Era a minha infância em São Luis do Maranhão. Como viram, não foi por um motivo nada nobre, porque a gazeta só dá como prêmio o atraso, a perda de ano, a repetência...

Enfim, foi isso. Nas praças e feiras, para vender os folhetos os cantadores usam a artimanha de cantar a estória até às vésperas do clímax, então paravam e anunciavam a venda do folheto. Quem quisesse saber o final tinha de comprar.

O ouvinte como eu, sem dinheiro pra comprar o folheto, ficava louco. Eu ficava por ali, esperando a venda se esgotar e quando o poeta começava a arrumar os folhetos na maleta, eu arriscava perguntar o desfecho do romance.

Ele olhava o menino com complacência e dava algumas dicas, contava o desfecho e então a gente se despedia com um sorriso cúmplice.

Chegado ao Rio de Janeiro nos anos 1960, por incrível que pareça, encontrei um ambiente que me proporcionava o mesmo prazer.

Como freqüentador assíduo de praças e mercados, neles encontrei muitos cordelistas na ativa, entre os quais, José João dos Santos (Azulão), José Gentil Girão (Seu Ventura), Apolônio Alves dos Santos, Cícero Vieira da Silva (Mocó), Elias A. de Carvalho, Expedito Ferreira da Silva, Franklin Maxado, Gonçalo Ferreira da Silva e mais raramente Sebastião Nunes Batista.

Todos eles continuaram a alimentar a minha imaginação, sempre com respeito e reserva de espaço: poeta é uma coisa, poeta popular é outra. Assim eu pensava.

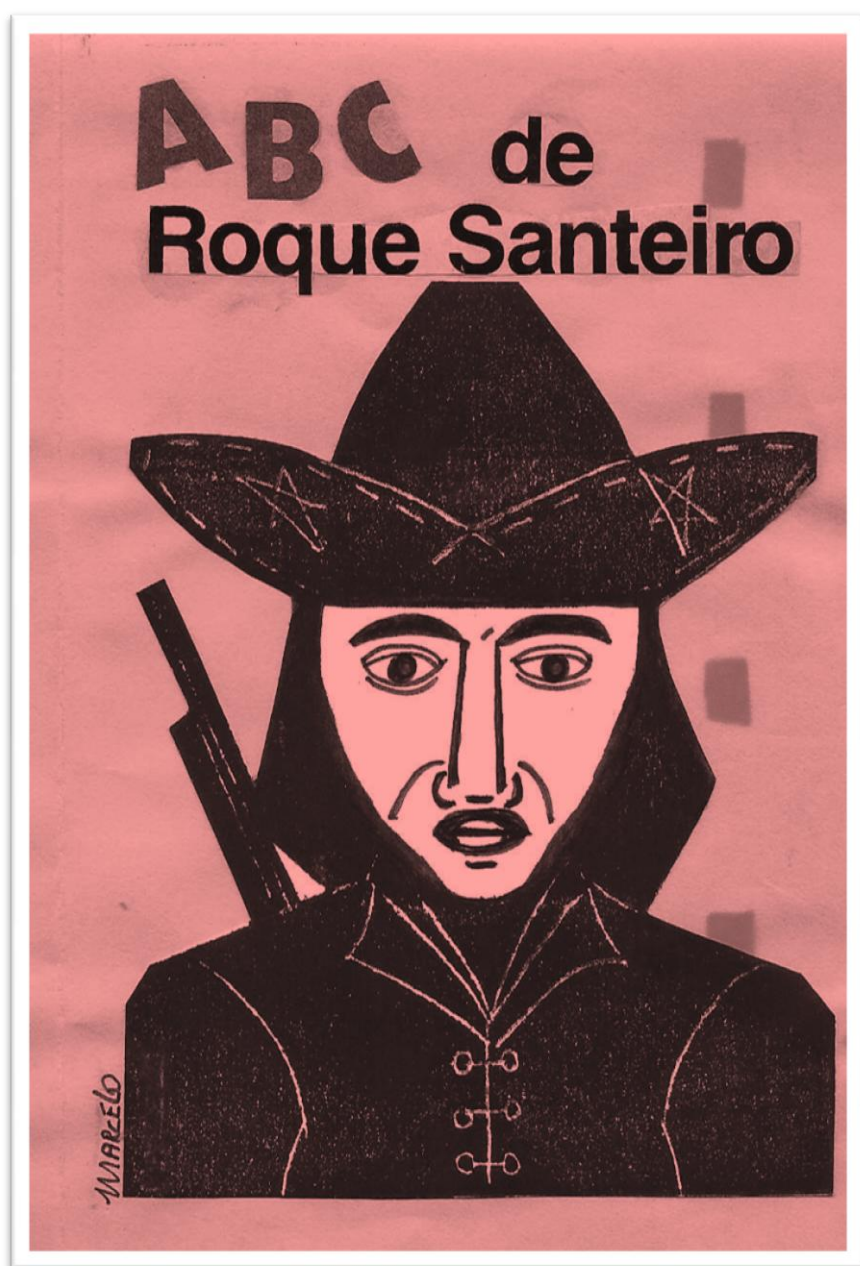
Mas uma vez ousei pular a fronteira dessa formalidade: comprei um livro de interpretação de sonhos com o intuito de transformá-lo em cordel. Pronto o trabalho, levei os originais para a leitura crítica de Franklin Maxado, que tinha uma banca na Cinelândia. Passado alguns segundos de leitura, escutei ele falar de si pra si: “O homem é poeta!”

E foi assim que nasceu o Sá de João Pessoa, poeta popular, com muito orgulho...

Rio de Janeiro, Cachambi, 2009.

Antologia de cordel - 3

- 1 – ABC de Roque Santeiro, pg. 4**
- 2 – A volta de Roque Santeiro, pg. 11**
- 3 – Vida e amores da Viúva Porcina, pg. 20**
- 4 – A volta do Cometa Halley, pg. 29**
- 5 – Está fundada a ABC, pg. 38**
- 6 – O louco do volante, pg. 46**
- 7 – O mundo de Zé Andrade, pg. 55**
- 8 – O vampiro de Santa Teresa, pg. 64**
- 9 – A vida de Orígenes Lessa, pg. 69**
- 10 – A morte de Pedro Nava, pg. 79**



ABC DE ROQUE SANTEIRO

Asa Branca foi aonde
Roque Santeiro nasceu
Sendo forte e milagreiro
Na sua terra venceu
Carrancas, ex-votos, santos
Suas mãos criaram tantos
Que sua fama só cresceu.

Bandidos ali um dia
Arriaram seus cangaços
Soou o tinir das peixeiras
Quando cruzavam os aços
Virou terror a cidade
De dia imperava a maldade
À noite soavam balaços.

Cangaceiros exigiram
Da cidade a rendição
Se não lhe desse mil contos
Fogo, incêndio, danação
Mas Roque o cabra enfrenta
Expulsá-los dali intenta
Salvar a população.

Depois de luta renhida
Os jagunços se mandaram
Roque Santeiro morreu
Sinos por ele dobraram
De repente por encanto
Pra cidade virou Santo
Milagres todos cantaram!

Então aí mais cresceu
A figura do Santeiro
As imagens que saíram
Das suas mãos de obreiro
Logo ficaram famosas
E também miraculosas
Correram o mundo inteiro.

Foi então quando se deu
Outro fato milagroso
A lama do Rio Negro
Curou um pobre leproso
Que tinha feito num sonho
- O pesadelo medonho -
Um pedido fervoroso.

Gostaria de saber
Roque Santeiro meu Santo
O que devo de fazer
Para cessar o meu pranto
É grande o meu sofrimento
Ouça aqui o meu lamento
Não me deixe sofrer tanto.

Houve grande confusão
A perturbar o seu sono
Roque Santeiro lhe disse
Daquele rio sou dono
Faça dali sua cama
Se mele naquela lama
Verá que não lhe abandono.

Isto foi o que se deu
Logo o homem ficou são
Espalhou pela cidade
Em tom de anunciação
O milagre de Santeiro
Correu o país inteiro
Trouxe fama pro sertão.

Jornais, rádios e tevês
Anunciaram o evento
Mas em breve Asa Branca
Conheceria o casamento
Realizado em surdina
O Roque e a bela Porcina
Uniram-se em sacramento.

Logo Porcina assumiu
Lugar de alto destaque
Riqueza então conseguiu
Mas sofreu muito ataque
Dr. Sinhozinho Malta
Vendo a viúva em alta
Ficou de todo basbaque.

Mocinha sofreu desgosto
Quando surgiu a viúva
Ex-namorada de Roque
Com a morte dele enviúva
Faz voto de castidade
E assim perde a cidade
Aquela que é uma uva!

Nem mesmo as arruaças
Que Porcina provocava
A memória de Santeiro
Da população tirava
A fama dele crescia
Asa Branca progredia
O turismo aumentava.

Os milagres de Santeiro
Serviam de ganha-pão
O cego conta o A.B.C.
Cantando um rock-baião
Seu Zé vende as medalhas
Velas, ex-votos e tralhas
Tudo que lembre o São.

Porém a fama de Roque
Até o país extravasa
Asa Branca hoje depende
Daquele *santo da casa*
Pra evitar malefícios
E cortar todos os vícios
Que a mocidade arrasa..

Quando Santeiro sumiu
Asa Branca nada tinha
Graças ao seu sacrifício
Até mesmo a Mocinha
Bela em sua castidade
Virou atração na cidade
Junto com Dona Pombinha.

Roque Santeiro é hoje
Um monumento na praça
Seu vulto todos cultuam
Pois evitou que a desgraça
As mãos de um cangaceiro
Se abatesse por inteiro
Aquele gente de raça.

São Paulo, Rio e Bahia
Já deram Santos pro mundo
Asa Branca também tem
Respeito e amor profundo
Ao Santo Roque Santeiro
Beato bem verdadeiro
Que acorda até defunto!

Tudo que queira pedir
Basta rezar a oração
Voltada a Roque Santeiro
E dita com devoção
Saúde, fama, dinheiro
Loto, milhar do bicheiro
Merecem sua atenção.

Um dia desses você
Será um vitorioso
Terá tudo que deseja
Será rico e poderoso
Como Sinhozinho Malta
Terá tudo que lhe falta
Por força do milagroso.

Verá que é tudo verdade
O que aqui vos foi dito
Padroeiro de Asa Branca
Roque é um Santo Bendito
Meu Padim Ciço Romão
Valei-me Frei Damião
E meu Santo Benedito.

XX é o Século atual
Que nós estamos vivendo
Precisamos de mil santos
Para que fiquem nos vendo
De todo mal nos proteja
De lá da sua igreja
Do que estamos sofrendo.

Zé das Medalhas fatura
No seu pequeno recanto
Asa Branca – uma vila
Já cresceu tanto e tanto
Que tem forró, carnaval
Logo será Capital
Pelo poder do seu Santo

FIM



A VOLTA DE ROQUE SANTEIRO

Primeiro o pai de Santeiro
Um velho sábio e asceta
Disse – Um dia o meu filho
Depois de cumprir sua meta
Voltará à Asa Branca
Que bela, risonha e franca
Receberá seu Profeta.

Foi mais do que um prever
Foi santa premonição
As palavras mais sábias
Saídas daquele ancião
Somente Deus poderia
Dar aquela profecia
Com tão grande precisão.

Tava a cidade quieta
Vivendo a vida tranquila
Com suas pequenas rixas
Entre Porcina e a pupila
Mocinha que guarda amor
Pelo Santo Protetor
Nada consegue feri-la.

Gozando a fama e o nome
Que lhe deu Roque Santeiro
Asa Branca enriquecia
Enricava o povo inteiro
Mas um acontecimento
Transformaria em tormento
Um lugar tão prazenteiro.

Uma forte tempestade
Sobre a cidade arriou
Era a própria natureza
Que a todos anunciou
Pois o *Santo Roque Santeiro*
Chegando ali sobranceiro
A sua terra ele voltou!

Achando a sua cidade
Agora tão diferente
Roque Santeiro indagava
Para toda aquela gente
Essa é mesmo Asa Branca?
Ouvindo a resposta franca
Tudo achou surpreendente.

Estava tudo mudado
Havia muito emigrante
Pois muitos tinham chegado
Naquele mesmo instante
Esperando que a riqueza
Chegasse à sua mesa
De modo mais abundante.

Querendo se redimir
Dos erros que cometeu
Fugir de tanta miséria
Que outrora conheceu
Roque virou salafrário
Roubou até o vigário
E um dia se arrependeu.

Foi com essa decisão
Firmada na consciência
Que Santeiro retornou
Pedindo pra Deus clemência
Perdão a muitos pecados
Cometidos e passados
Para obter opulência.

O ostensório roubado
De repente apareceu
No altar iluminado
Padre Hipólito percebeu
Dona Pombinha gritou
– Foi Deus quem aí deixou!
Mais um milagre se deu.

Pro Malta quer devolver
Todo dinheiro ***emprestado***
Pois ele muito rendeu
Quando foi bem aplicado
Para o velho Pe. Hipólito
Quer mostrar que não é sólito
Por ter o céu profanado.

E muitas outras surpresas
Esperavam por Santeiro
Seu nome tava na praça
Era um santo milagreiro
Bem no meio da pracinha
Até estátua ele tinha
Adorada por romeiro.

No dia seguinte o sol
Com Santeiro ressurgiu
Tava descoberta a trama
A luta que ninguém viu
Na verdade os cangaceiros
Não foram nada matreiros
Nosso herói escapuliu.

Bandidos inda ficaram
Num desespero maior
Santeiro passou a perna
Deixando a gang na pior
Levando também a grana
Assim a todos engana
Nem Rafles faria melhor!

Pra cidade foi um sonho
Cheio de encantamento
Pois Asa Branca saiu
Do livro do esquecimento
Tornou-se bela e formosa
Cantada em verso e prosa
Melhorando 100%.

Asa Branca então viveu
A legenda do herói
Que sacrificou a vida
Criou fama de caubói
Mas seu súbito regresso
Vai retardar o progresso
Que o dinheiro constrói.

Com a volta de Santeiro
Se complica mais o drama
Seu Malta está com Porcina
A mulher que ele ama
Fingindo ser a viúva
Sinhozinho chupa a uva
Ao poder da dinheirama.

Na verdade nosso herói
Não casou com a Porcina
Mas ele só ama a Mocinha
Que conheceu de menina
Pra evitar de ser morto
Santeiro faz tudo torto
Ou então cai em ruína.

Pelos mandões da cidade
Santeiro é dominado
– Se nos trouxer prejuízo
Será ele assassinado!
É muito grande o choque
Ver vivinho o *Santo Roque*
Depois de tudo passado.

Asa Branca estremece
Mas tudo fica em segredo
Roque Santeiro reage
Mas da verdade tem medo
De herói a malquerido
E de Xerife a bandido
Após tão longo degredo

Até a Viúva Porcina
Presta ajuda e disfarça
Sr. Flô que é Prefeito
Se transforma em comparsa
Santeiro de tudo esconde
Ninguém sabe até onde
Vai durar tamanha farsa.

Temendo perder a riqueza
Vinda com o novo Santo
Autoridades conspiram
Ocultas em todo canto
O povo sente bailar
Algum mistério no ar
Como se fosse quebranto.

Roque Santeiro aproveita
Ele é esperto e ladino
Para se manter na moita
Usa a cabeça e o tino
Vendo que há um perigo
Prefere a vida ao jazigo
Não comete desatino.

Só o bom Deus sabe o quê
Com Santeiro ocorreria
Se descobre o populacho
Que ele ainda vivia
Para não perder a boca
A multidão semi louca
Certamente o lincharia.

Mesmo o Padre Hipólito
A Roque Santeiro ajuda
Porcina, Seu Flô, Astromar
Permanecem em caluda
O herói da nossa história
Perdeu o sonho da glória
E pede que Deus lhe acuda!

E a estátua da praça?
Vão ter que de lá arrancar
E a romaria? O turismo?
Até os hotéis vão fechar
Lembranças de Asa Branca
Que ia ter Zona Franca
Tudo isso vai acabar.

O desespero se abate
Tá grave a situação
Pior que um terremoto
Foi essa reaparição
Saber que Roque Santeiro
Nosso Santo Milagreiro
Tá vivo, safado e são.

O futuro aeroporto
Moderno e supersônico
Nunca vai ser construído
Tá todo mundo atônito
Pois a verba aprazada
Jamais vai ser liberada
Presse ato arquitetônico.

Pra que deu tod'essa fama
Se aproxima o triste fim
Mesmo a fábrica de velas
Vai ficar para cupim
Com velas pra todo lado
Vão acender pro Diabo
Pois pro Santo tá ruim.

Se descobrirem a farsa
Vejam o que vai ocorrer:
O Prefeito é cassado
O padre perde o poder
Asa Branca perde a fama
E pra agravar o drama
Santeiro pode morrer.

É nessa a encruzilhada
Que se encontra nosso herói
Destino – Vida malvada
Que a própria vida destrói
Ou fica *morto* o Santeiro
Ou vai pro Rio de Janeiro
Esconder-se em Niterói.

F I M

POESIA DE CORDEL

AMORES E DESAMORES DE PORCINA,
A "VIÚVA" DE ROQUE SANTEIRO



Marcelo Soares - 88

Autor: SÃ DE JOÃO PESSOA

VIDA E AMORES DE PORCINA
A VIÚVA DE ROQUE SANTEIRO

Ouçam meus caros leitores
Esta história singela
De quem foi menina-moça
E enviuvou inda donzela
Conto o de bom e de mau
Que aconteceu com ela.

Até parece novela
O que ocorreu a Porcina
(Esse é o nome dela)
Vejam que desde menina
Não foram bons os agouros
Que esta vida lhe destina.

Cumpriu uma triste sina
Da seca foi retirante
Caminhava – pés descalços
Com um flagelo errante
A fome era malvada
Perseguindo todo instante.

Fugir era importante
E a única solução
Porcina sofreu de tudo
Junto da mãe no sertão
Pra matar a fome lesa
Comem até camaleão.

Sofreu fome e insolação
Como uma pobre infeliz
Só não morreu no sertão
Porque Deus assim não quis
Na penúria e na miséria
Chegou a Porto Feliz.

Porcina ali por um triz
Estando necessitada
Quase vira meretriz
Sofrendo muita cantada
Para dar a donzelice
Penou a pobre coitada.

E teve sorte a danada
Porque ali apareceu
Vindo de Asa Branca
Um famoso Coronel
Que vendo a Flor-do-Sertão
Derreteu-se como mel.

Vivendo de déu em déu
Porcina não resistiu
E perdendo a timidez
Muito dengosa sorriu
Nosso Sinhozinho Malta
Ia partir mas não partiu.

Nunca no mundo ele viu
Uma beleza morena
A pele de sapoti
O cheiro de açucena
O corpo doce da uiara
A magia da Falena...

Tendo sangue de Terena
Do índio o vigor e viço
Seus olhos negros fizeram
No Coronel um feitiço
Vivia só – sem ninguém
E tirou proveito disso.

"Sinhozinho faça isso
Não me deixe aqui tão só
Me leve pra Asa Branca
Do meu sofrer tenha dó
Não tenho nem mãe nem pai
Nem irmão, avô e avó..."

Parecia catimbó
Pois o Malta nem pensou
Deu-lhe uma casa bonita
E um sistema bolou
Pra parecer tudo certo
Um casório ele inventou.

Porcina quando chegou
Na cidade de Asa Branca
Não foi em nenhum lugar
Senão o povo atravanca
Mas na presença do padre
Falou de maneira franca.

A pobreza logo estanca
Onde há luta pela vida
Por força do esquecer
Uma infância sofrida
Preferiu ela a riqueza
Sem limite nem medida.

Transformou-se a preferida
De todos os do lugar
Dava exemplo de uma vida
Que muitos querem levar
Ambiciosa e leviana
Para o poder alcançar.

Pro Sinhozinho esposar
Porcina faz uma farsa
Toma o nome de viúva
De Santeiro e disfarça
Pelo povo é adorada
Tendo Malta por comparsa.

Essa história era falsa
Passar por uma viúva
Pra ela que é matreira
Caiu como uma luva
Inda mais que Sinhô Malta
Dali é o manda-chuva.

Porcina é uma uva
E disso tirou proveito
Enricou – ficou famosa
Arrumou-se bem a jeito
Conseguiu a liberdade
Do povo todo o respeito.

Quem visse aquilo direito
Viu a força do Destino
Outrora uma pobre moça
Perdida em desatino
Ajeitou-se e ficou bela
Modelo de figurino.

Sua vida é um hino
Cantado por toda gente
Amou o Roque menino
Só fantasiosamente
Outro falso Roque amou
Como se verá à frente.

Chegou ali muita gente
Para filmar a história
Vida de Roque Santeiro
E transformá-la em glória
Recorreram à viúva
Que ficou muito finória.

Porcina cantou vitória
Em cima do cineasta
Cantou a sua versão
Daquela história nefasta
E achou o ator principal
Pro seu lado entusiasta.

A sorte lhe foi madrasta
E então agiu na maciota
Ganhou também o artista
Já pode contar lorota:
É mais um Roque Santeiro
A entrar na sua rota.

Sinhô Malta bem janota
De nada desconfiou
Porcina como é gulosa
Roberto Matias traçou
Sem usar anestesia
Um par de chifre plantou!

Depois do que se passou
Ninguém ali imaginava
Na cidade chegou um dia
Num carro que ali passava
Um homem que a Porcina
Nunca na vida esperava.

A quem ela mais amava
Ao menos na fantasia
Criada por Sinhozinho
Para salvá-la um dia
Ele que foi sem ter sido
Quem morreu e inda vivia

Roque Santeiro dizia
Um dia indo chego lá
Vou voltar à minha terra
Ver meu pai como estará
Peço perdão pelos erros
O Padre me perdoará.

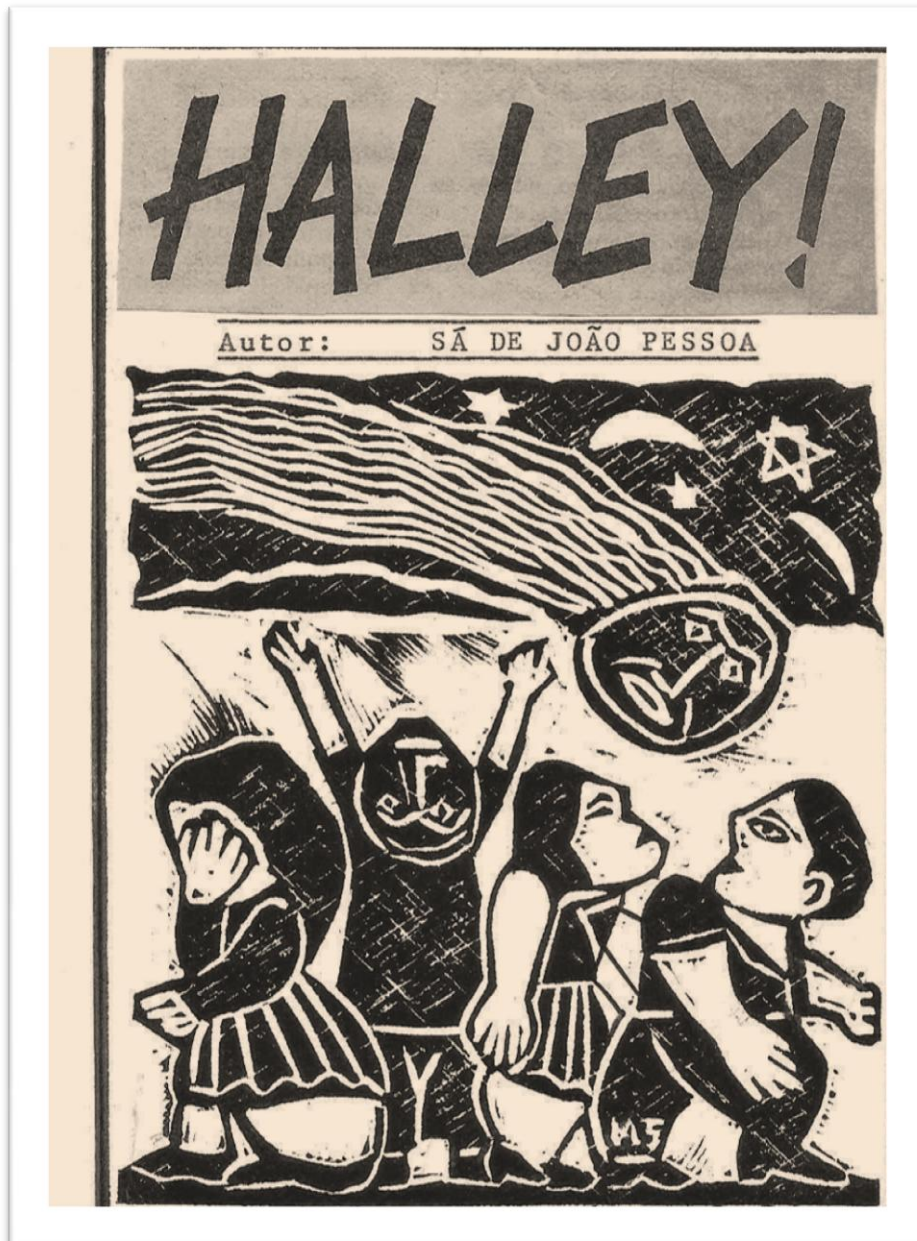
O Destino punirá
Porcina com um castigo
O homem ela amará
Pondo sua vida em perigo
Viúva não mais será
E perderá um amigo.

A Roque dará abrigo
Primeiro com algum ódio
Mas o amor foi chegando
E transformou o episódio
Num fato tão grandioso
Que já merece um pódio.

Não há peito que acomode-o
Quando o amor é paixão
E Porcina quando ama
É pior do que vulcão
Se desespera e morre
Quando o amor é ilusão.

Assim como um turbilhão
Esse novo amor chegou
Não pode assumir o marido
Pois com ele não casou
Não é uma mulher livre
Mas do mesmo enviuvou.

Esse caso terminou
Como terminam as novelas
Ela a muitos conquistou
Com suas formas tão belas
Quem dera que eu fosse Roque
Pra morrer nos seios dela!
(1985)
FIM



A

VOLTA DO COMETA HALLEY

Quando o Cometa de Halley
Lá ao longe se anuncia
Começam logo a rezar
Padre-Nosso, Ave-Maria
Dizem que quando ele passa
Acontece uma desgraça
Fruto de feitiçaria.

A milênios ele vem
Chega causando horrores
A história tem conotado
Erupções e temores
E também os Reis morriam
Por isso todos temiam
Lendas, presságios, pavores.

Rasputín – o monge russo
Que dominou um Império
Tinha medo do Cometa
Ele que era tão sério
Praticava a Astrologia
Magia e Quiromancia
Não decifrou-lhe o mistério.

Em 1601
Afonso de Portugal
Quis atingir com um tiro
O astro descomunal
Ergueu a pistola e Pum!!
Mas não acertou nenhum
Vasto espaço sideral...

Átila – o Rei dos Hunos
Bárbaro, mau e temível
Que arrasou a Europa
Com um exército terrível
Teve a morte anunciada
Pela cauda iluminada
De um cometa invisível.

Nero – Imperador Devasso
Que o mundo conheceu
Por incendiar Roma
E os males que cometeu
Ao saber-se ofuscado
Por ter o Halley chegado
De raiva quase morreu.

O inglês Edmund Halley
Astrônomo renomado
Usando o método Newton
Deixou tudo calculado
Assim encheu-se de glória
E passou para a História
Seu Cometa batizado.

É o mais nobre e famoso
Daqueles astros que passam
Núcleo, cabeleira e cauda
Todo o Universo abraçam
Com uma beleza tal
Que o respeito é total
Cientistas se congraçam.

2046

Da era Antes de Cristo
Este Cometa de Halley
Foi primeiramente visto
Agora virá depois,
De 2062
Conforme já está previsto.

Por refletir o Rei Sol
O Cometa não tem luz
É feito de gás gelado
O corpo que lá reluz
Essa massa refletida
É um espelho de vida
Por isso a todos seduz.

São milhares de quilômetros
Só de brilho e de beleza
Mede a cauda reluzente
Cujo tamanho e grandeza
Vara o campo sidéreo
Se transforma em mistério
Feito pela Natureza.

O seu caudal é formado
De poeira estelar
Que ao passar reflete
O brilho da luz solar
Depois de se desprender
Uma chuva vai se ver
Nosso céu iluminar.

Hoje porém ele está
Sendo mui bem recebido
A ciência avançou
Em quase todo sentido
Estão prontas as lunetas
Pra ver o Rei dos Cometas
Passar pelo céu luzido.

Para o povo ele é
Mais um sinal divino
Fim do mundo, julgamento
De quem fez um desatino
Fogo que cobrirá a Terra
Do jeito que o tempo encerra
Como poder do Divino.

Para os astrônomos não:
É força da Natureza
Um mistério da ciência
Ente que encerra beleza
Tem a composição química
Não é mera coisa anímica
Para causar estranheza.

Em vez de repudiá-lo
Por trazer muito castigo
Ele é muito bem-vindo
Pois não oferece perigo
Vai ser bem analisado
Visto e fotografado
Como se fosse um amigo.

Em vários laboratórios
Estão sendo equipados
Satélites de pesquisas
Já estão sendo lançados
Os maiores cientistas
Físicos e astrônomos
Já foram reconvocados.

Vão estudar o Cometa
Do começo até o fim
Eles querem desvendar
Tudo tim-tim por tim-tim
A ciência saberá
Que no futuro haverá
O mesmo interesse assim.

Astrólogos também têm
No Halley muito interesse
Astrologia é ciência
Que a todo ano cresce
O horóscopo anuncia
O que passa todo dia
O que cada um merece.

Antigamente pensavam
Que as suas aparições
Gases envenenariam
E matariam multidões
O povo entrava em pânico
Pois o Cometa tirânico
Provocava convulsões.

Em novecentos e dez
No Brasil ele chegou
Esperavam a catástrofe
Mas tal não concretizou
Vendo que tal se passava
Gente se cumprimentava
Pelo mal que não causou.

O Cometa lá em cima
Cá embaixo o Zé Povinho
O temor que ele traz
Provoca até burburinho
Sofrem todos desgraçados
Por culpa de seus pecados
Pecadões e pecadinhos.

Em toda gente de fé
O Mistério tem um lar
Na umbanda e candomblé
Ou na igreja a rezar
Ninguém vê explicação
Nem mesmo a religião
Pode o medo eliminar.

Para esse povo assim
O respeito é verdadeiro
O Halley mal se anuncia
Ouve-se o som do terreiro
Nas esquinas das ruelas
Despachos, Ebós e Velas
Para o astro milagreiro.

Assim é que é tratado
O fato extraordinário
É coisa da Natureza
Mas cumpre o seu fadário
Pois isso é muito normal
E achar que ele faz mal
É coisa de algum otário.

Mas aquela gente humilde
Que mora no interior
Tem respeito à Natureza
Ao mistério tem temor
Para evitar maldições
Faz figas e orações
E mil rezas ao Senhor.

Nesse ponto o Brasil
É um privilegiado
Pois para ver o Cometa
Está bem localizado
Ases internacionais
Aqui estarão em paz
Pra ver o céu estrelado.

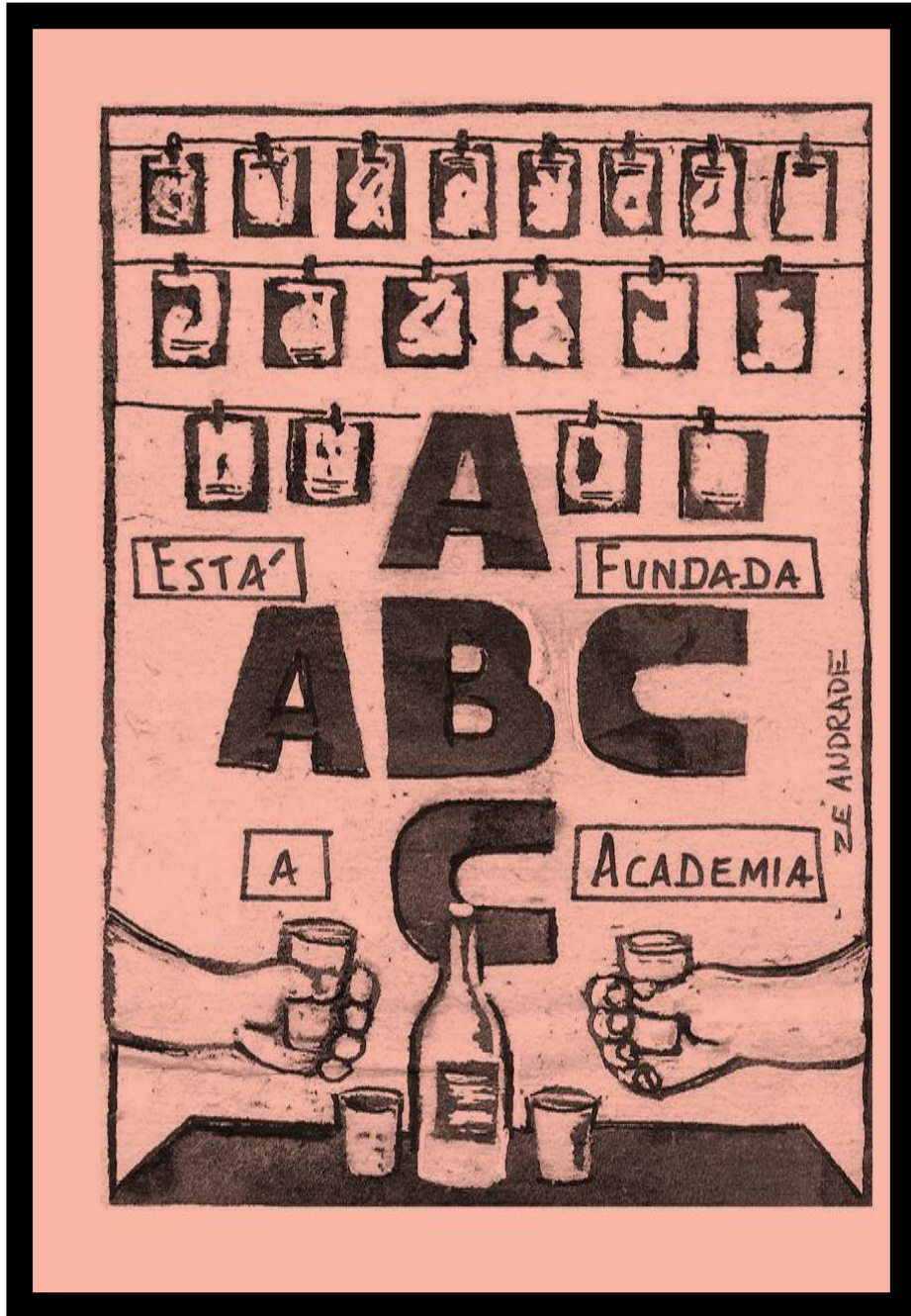
O Cometa estenderá
A cabeleira formosa
Por sobre todo o Brasil
Como uma bênção airosa
Deixando todo o país
Menos um pouco infeliz
A fé mais esperançosa.

Leandro Gomes de Barros
Também já presenciou
Em 1910
O Halley quando passou
E como um bom poeta
Cantou loas pro Cometa
Sua passagem contou.

Com a mente que esta Terra
É na verdade uma ilha
O Universo é mistério
Beleza, cor, maravilha
Dedico ao Cometa Halley
Que das Estrelas é Rei
Esta ruma de sextilha.

Poetas e historiadores
Tendo o Cometa às vistas
Cada qual a seu bom jeito
Sendo ótimos artistas
Enfeitaram o Astro belo
Entendendo-o como um elo
Entre a fé e cientistas.

Sei que a fé é pequena
Menor do que se apregoa
Minha fé – a Poesia –
Traduzo aqui nesta loa
Dedicada sem desdouro
Ao Halley – Astro de Ouro
Por Sá de João Pessoa!
(1985)
FIM



ESTÁ FUNDADA A ABC
(ACADEMIA BRASILEIRA DO CORDEL E DA
CACHAÇA)

Musas da lira acorrei
Peço vossa inspiração
Para todos os poetas
Dê a vossa sagração
Abençoe a ABC
Nesta sua fundação.

Chamo todos os poetas
Do nosso Brasil querido
Violeiros, gravadores
Todos que acham sentido
Na cultura popular
Assumam logo partido.

É hora de haver união
Para esse nosso mister
A criação da ABC
Há muito o tempo requer
Para que o poeta fique
No lugar que o povo quer.

Domingo em São Cristóvão
Foi grande a animação
A pedra fundamental
Da nobre instituição
Foi brindada com cachaça
E carne-seca e feijão.

Zé Andrade deu ideia
O povo todo aprovou
Está fundada a ABC
E recebe o meu louvor
A Academia Brasileira
Do cordel e cantador.

Daremos o nosso apoio
Sem haver desarmonia
A Academia Brasileira
Do Cordel e Cantoria
Que tornará imortal
Do povo a sabedoria.

A Academia do Cordel
Da cantoria é o fruto
Deus já foi convocado
Pra fazer o estatuto
Se Ele não puder vir
Que mande o substituto.

Leandro Gomes de Barros
Será da ABC o patrono
Ele foi um pioneiro
E merece esse trono
Outras cadeiras porém
Serão livres não tem dono.

A sede da Academia
Tem como teto o céu
Cortinas são de estrelas
As nuvens são como véu
O seu hino declamado
No repente do cordel.

Um edifício de ar
De setecentos andares
Elevadores com asas
Seiscentos e vinte bares
Biblioteca sem par
E sons espetaculares.

Cem mil e cinco cadeiras
De vento e diamante
Pro imortal sentar nelas
Tem que ser que-nem gigante
Na viola e no cordel
No abolo e no berrante.

Tome nota minha gente
Do endereço da ABC
Fica na Rua da Curva
Num prédio que não se vê
Na Capital Federal
Do País São Saruê.

A sede da ABC
Cabe em toda cidade
Da Capital ou Sertão
Onde houver necessidade
Ali será erigida
Com toda sua majestade.

Pra entrar na Academia
Nem precisa inscrição
Basta ser Cordelista
Da cidade ou do sertão
Mexeu com cordel tá lá
Mesmo que seja intrujão.

Pra entrar na Academia
Tem que ser bom no repente
Bom tocador de viola
Um bamba na aguardente
Triângulo, sanfona e bumbo
Faz Parte da nossa gente.

Também nela tem assento
Xilógrafo e ilustrador
Eles dão vida ao cordel
E tratam com muito amor
O folheto e o romance
Seja qual for o autor.

A sessão da Academia
Começa na alvorada
Se vai pelo dia afora
Invadindo a madrugada
Os anos vão se passando
E nunca é encerrada.

Uma tragada de cana
Uma colher de feijão
E começa a cantoria
Com peleja e discussão
O violeiro decreta
Está aberta a sessão.

Não tem sessão sem Poeta
Cantador e violeiro
Discurso se lê em verso
Acompanha o sanfoneiro
E pra cantar não tem vez
Canta quem chega primeiro.

Serenada a cantoria
O autor novo apresenta
Um verso da sua lavra
E o ambiente esquentava
Vara a noite, chega o dia
Quem é fraco não aguenta.

O chá da Academia
É bebido a toda hora
Toma o pessoal que chega
Brinda com quem vai embora
Quem fica, fica contente
Quem vai alegre não chora.

Cada vez é uma festa
Seja de noite ou de dia
Muita bebida e comida
Falatório e alegria
Assim se faz a sessão
Da nossa Academia.

Barraco, banca, bancada
Até parece uma feira
Os membros não têm fardão
A turma quer brincadeira
Todos aqui têm acesso
Gente sem eira nem beira.

O grande representante
Da Paulicéia querida
O Maxado Nordestino
Viu que a idéia tem vida
E logo se aproximou
Pra participar da lida.

Do amigo Zé Andrade
Aqui faço a louvação
Que teve a feliz ideia
E pôs logo ela em ação
A ele deve a ABC
A sua inauguração.

Risca no céu o trovão
O céu com brilho anuncia
Vem aí os novos tempos
É chegado o nosso dia
Desde já está fundado
O cordel da Academia.
(1983)
FIM

Autor: SÁ DE JOÃO PESSOA

O louco do volante



JOEL

O LOUCO DO VOLANTE

Peço atenção do leitor
Ao assunto que vou tratar
Pois é um assunto sério
Que vai dar o que falar
Sobre o Louco e a Loucura
Que há em todo lugar.

Tem cada tipo de louco
Que não é doido nem nada
Como aquele que ficava
Com a peixeira afiada
Experimentando a lâmina
Quando ela está amolada .

Cuidadoso ele ficava
Triscando a faca de leve
Não como faria um louco
Que não tem medo nem deve
Ele se cortaria todo
Tornaria a vida breve.

Dizia o velho Borges
Esse é um doido errado
Aliás não é nem doido
Ele é um cabra-safado
Merece uma correção
Levar sova e ser capado.

Um louco bem afamado
Caminha pela cidade
Com um tijolo na mão
Demonstrando insanidade
Mas não ataca ninguém
Nem mostra ferocidade.

Faz constante ameaça
Tudo de encenação
Aquele louco é tão louco
Mas não há consumação
E quem já sabe disso
Só sente admiração.

O Joel conheceu outro
Era um louco engraçado
Tacava um soco na cara
Quando era atizado
No primeiro cidadão
Que estivesse ao seu lado.

Essa turma se encontra
Na rua diariamente
É louco que não tem conta
O povo topa na frente
Doido que só anda nu
Diante de toda gente.

Maluco que anda em trapo
Maluco bem elegante
Maluca mulher safada
A todos mostra o bufante
Outra mostra a perereca
Ou a tromba do elefante.

O Joel quando garoto
Conheceu louco ferrado
Era todo cabeludo
Penava que só o coitado
Parecia um macaco
E só andava pelado.

Vadiava o desgraçado
Pelas ruas da cidade
Procurando a sua mãe
Provocando a piedade
De todos que passavam
Porque não tinha maldade.

A loucura é uma doença
Que estudam os cientistas
Psicólogos, psiquiatras
Médicos e analistas
Todos buscam evitar
Que a doença persista.

Dão à loucura outros nomes
Demência, esquizofrenia
E novos nomes surgem
Toda hora e todo dia
Paranóia e psicose
A loucura é uma mania.

O Joel também contou
Outro caso interessante
Passo aos caros leitores
Nesse exato instante
A história conhecida
Como ***O Louco do Volante***.

O tal sujeito andava
Com um volante na mão
Espelho retrovisor
Causando grande impressão
Freio e acelerador
Tal qual um caminhão.

Ele vivia pelas feiras
No meio de toda gente
Buzinava e dirigia
De modo inteligente
Era um bom motorista
Nem parecia demente.

Vestido com essa roupa
Mais paralama e pedal
Todo lustroso e bonito
Não fazia nenhum mal
Motorista desse jeito
Seria o grande ideal.

Há tratamento diverso
Para todo tipo de louco
Comprimido, choque elétrico
Alguns acham isso pouco
E usam a pancadaria
Cacetada e muito soco.

Isso é grande estupidez
Pois o louco é um doente
Que deve ser bem tratado
De um modo mais decente
Não devemos esquecer
O louco também é gente.

Conheci um cara outro dia
Completamente maluco
Um tempo quando criança
Em terras de Pernambuco
Fazia a gente pensar
Que ele nem era caduco.

Conversando frente a frente
Com um amigo em pé
Futucando-lhe o calcanhar
Sem que ele desse fé
No companheiro da frente
Ele dava um pontapé.

Outro doido engraçado
Joel Borges encontrou
Era um índio entroncado
Que o poeta convidou
Para tomar um trago
O moço desconversou.

Porém o bugre não era
De contar muita bravata
E no poeta aplicou
Uma tremenda gravata
Disse vamos beber
E fazer uma serenata.

Ao chegar ao botequim
Joel pôde se livrar
Mandou-se numa carreira
O índio ficou a gritar
– Vai beber um litro de cana
Na hora que eu lhe pegar!

Outra loucura latente
É a loucura do sexo
Que geralmente ataca
Pessoa que tem complexo
No povo e na sociedade
Ela apresenta reflexo.

Quem faz sofrer é sadista
Com morto é necrofilia
O masoquista apanha
Comer bicho é zoofilia
O exibicionista se mostra
Também há pedofilia.

Com velho é gerontófilo
Tem o homossexualismo
Em pessoas do mesmo sexo
Feiticismo ou fetichismo
Quem gosta de objetos
Tudo isso é traumatismo.

Largando isso de lado
E todas as aberrações
Tem aquele tipo de louco
Que vive dando sermões
Pregando o fim do mundo
E outras destruições.

De qualquer modo o doido
Merece o nosso respeito
Às vezes ele nos alegra
Com careta e trejeito
Às vezes nos faz pensar
E mudar nosso conceito.

Merece toda atenção
Aquele doutor que diz
Tem muito louco aqui fora
Fingindo estar feliz
Aceito na sociedade
Governador ou Juiz.

Gente que deve estar
No manicômio interno
Os seres que estão lá dentro
Sofrendo naquele inferno
Menos malucos que outros
Que usam gravata e terno.

Rogo a Deus Nosso Senhor
Ouça a minha oração
Velai por quem é demente
E dele tem compaixão
Dai ao louco a liberdade
O céu e a salvação.
FIM

O MUNDO DE ZÉ ANDRADE

POESIA DE CORDEL

AUTOR: SÁ DE JOÃO PESSOA



O MUNDO DE ZÉ ANDRADE

Esse elemento sagrado
Que o próprio homem moldou
O barro da terra de Deus
O ser humano inventou
E dizem que até a alma
Com talento fé e calma
De barro se emoldurou!

Há bilhões de anos-luz
Varando o éter do espaço
O barro rico em ouro
Ferro, manganês e aço
Pedra mármore e granito
A matéria do infinito
Segue o Ser passo a passo.

A mão que o barro moldou
Hoje o milagre emoldura
O homem criado inventou
Do barro a criatura
O Ente que em Deus criou
E com fé aperfeiçoou
É que amalgama a figura.

Pois o fantástico acontece
Este ser feito de barro
Contraria o Criador
Pois é um gênio bizarro
Aprimorando a pupila
Produz o homem de argila
Não é mentira o que narro.

O barro quando humano
Se anima – ganha vida
A carne virada argila
Da terra tem acolhida
O bisturi do escultor
Opera sem qualquer dor
Quando talha faz ferida.

O homem é feito de limo
E toda a ciência abala
Ninguém desvenda o mistério
Desta vida a ante-sala
Mas estes seres que narro
Até por de serem de barro
Só faltam ganhar a fala!

O gênio de Miguelangelo
Deu vida ao mármore frio
Rodin deu sangue ao bronze
Mas Zé Andrade preferiu
Para cada criatura
Fazer a sua escultura
Do jeito que Deus previu.

De seus dedos quase magos
Surge o Destino do nada
A figura do político
Que tem a vida afamada
Vida que corre nas veias
Jagunços, anjos, sereias
Saem de uma fornada.

A mão estrutura a massa
Como fosse cirurgião
Busca uma forma perfeita
Feita ao jeito de Adão
Com a luz da claridade
No bisturi Zé Andrade
Tem o dom da criação.

O que era apenas gesso
Vai criando alma e jeito
Se lhe ferir muito fundo
Vai sentir a dor no peito
Fazer o sangue jorrar
Um grito de dor ecoar
Se de carne fosse feito.

Desses ataques secretos
Nascem os "filhos do mal"
Em brigas com mil demônios
E paixão mais que carnal
Surgem da força do gênio
Heróis do mesmo milênio
Gente, Demo, Deus, Animal.

Malandros e vagabundos
Sambistas e banqueiros
Santos e trabalhadores
Cantadores, cachaceiros
Uma Yemanjá sensual
Um operário especial
Representam brasileiros.

Autor de mil personagens
Como um Prometeu contrito
Artistas de mil visões
Do mais alto gabarito
Com força, talento e calma
As figuras criam alma
No barro o berro e o grito.

Esse mesmo Prometeu
Um ser da Mitologia
Como o Zé Andrade faz
Há milênios já fazia
Se dedicar com paixão
Juntar amor e emoção
Para criar o que Deus cria.

Desses mistérios solenes
É que vem inspiração
E Zé Andrade faz arte
Com tanta dedicação
Que jamais ele se cansa
E o êxtase ele alcança
Em busca da perfeição.

Não lhe falta o talento
Esse dom mais que divino
Que guia todos artistas
Desde os tempos de menino
A argila que Deus lhe deu
Lágrimas de Prometeu
Vão forjando seu destino.

Essa Bahia que dá
Muita gente importante
Deu também o Zé Andrade
Que logo seguiu adiante
E foi mostrar ao Brasil
O seu talento viril
A sua arte inflamante.

Os jagunços de Canudos
Zé Andrade retratou
São heróis crus e vivos
Que pela vida lutou
Figurando o companheiro
Fé de Antônio Conselheiro
Como o Euclides narrou.

Quando a Liberdade veio
De novo para o Brasil
Zé Andrade acendeu
Da dinamite o pavio
A sua arte exemplar
Fez Tancredo popular
E a fama então surgiu.

Já nas grandes capitais
Do Brasil e exterior
Zé Andrade é conhecido
Como perito escultor
Seu nome é nacional
E na Capital Federal
Hoje é expositor.

Ali foi comemorar
Na Câmara e no Senado
Um dia muito importante
Está sendo inaugurado
O Ano Constituinte
Que será por conseguinte
O Poder mais consagrado.

JK, Jango, Getúlio
Tiveram ressurreição
Feitos como foram feitos
Os seres da Criação
Alguns pela divindade
E outros por qualidade
Mas todos com perfeição.

Os que fazem a História
Do Brasil são imortais
Brizola, Lula, Tancredo
Teotônio Vilela e Arns
A História os relata
E Zé Andrade retrata
Como símbolos da Paz.

Figuras e figurões
Da nossa atualidade
Gente de Arte e Ciência
De toda sociedade
São parte da galeria
De corajosa harmonia
Criada por Zé Andrade.

Mas também o Zé Povinho
Mereceu sua atenção
Gente que bebe e canta
Na Feira de S. Cristóvão
O cantador repentista
É fonte para o artista
Matéria para o artesão.

A TV e o Cinema
Vários jornais e revistas
Teatro e publicações
Compositores e artistas
Mil figuras alegóricas
Fantásticas e pictóricas
Cercadas pelos passistas.

Foi quem levou Zé Andrade
A desfilar na avenida
Cantando com a Beija-Flor
As origens da partida
A história do futebol
Do nascer ao arrebol
Sua luta e sua vida.

A festa mais popular
Que é nosso Carnaval
Ganhou um novo talento
No aspecto escultural
Levando a arte ao povo
Mostrou um talento novo
O Zé tornou-se imortal.

Filho do barro nasceu
E no barro se criou
O talento Deus lhe deu
E nunca mais lhe faltou
Zé Andrade faz a parte
História, Cultura e Arte
Que o destino lhe traçou.

Tendo raiz na Bahia
Terra de São Salvador
De Jorge e James Amado
Do Poeta do Condor
De Rui Barbosa o gênio
Descortinou o proscênio
De Caribé – o pintor.

Feira, Salvador, São Paulo
Se espalha a artesanaria
Latinoamérica, Europa
Onde tiver serventia
Vai a arte e a verdade
A marca de Zé Andrade
Este filho da Bahia.

Eu falei de Zé Andrade
Com a força da criação
Também sou feito de barro
Do barro foi feito Adão
Como fino cordelista
Louvei a arte do artista
Sem fazer bajulação.
FIM

* Autor: SÃ DE JOÃO PESSOA

ZÉ ANDRADE,
O VAMPIRO DE
STA. TERESA



O VAMPIRO DE SANTA TERESA

Santa Teresa já dorme
Sob o manto do silêncio
Na Rua Áurea, 118
A luz permanece acesa
Um ser soturno se inclina
Lá fora cai a neblina...

A mão que amalgama massa
Como fosse cirurgião
Busca uma forma perfeita
Ao jeito do criador
Enquanto dorme a cidade
Pega o bisturi Zé Andrade.

O que era apenas barro
Vai criando alma e jeito
Se lhe ferir muito fundo
É capaz de sentir dor
Fazer o sangue jorrar
E o grito na noite ecoar.

E nas noites tenebrosas
Dês que veio da Bahia
Sedento de fama e sangue
E gentis lindas donzelas
O vampiro afia a presa
E age em Santa Teresa.

Na noite de inverno e fria
Zé Andrade se esgueira
Qual fantasma que emerge
Da névoa transparente
Com as garras afiadas
Ele ataca nas estradas.

Nesses ataques secretos
Em briga com mil demônios
Nascem os filhos do mal
Famintos de sangue e fel
Heróis do mesmo milênio
Surgem da força do gênio.

Ah! Donzelas, atentai!
Às esquinas assombrosas
E escorregadias ladeiras
Da bela Santa Teresa
Logo quando vai o dia
O vampiro se anuncia.

No bar Arnaude e botecos
O vinho tinto de sangue
Largamente consumido
Serve de breve alento
Mas o vampiro no cio
Almeja o púbis macio.

Malandros e vagabundos
Sambistas e batuqueiros
Deuses e trabalhadores
Zé Andrade retratou
 E uma Iemanjá sensual
 Excita o sexo animal.

A cauda de longas escamas
Flutuam sobre as águas
Mas não podem ocultar
Esse tesouro vadio
 Perde toda a virgindade
 Nas garras do Zé Andrade.

Honrando a democracia
A força do pé no chão
Exercita o jornalismo
Teatro, cinema, política
 E sendo malabarista
 Domingo é cordelista

Homem e mil personagens
Cara de muitas facetas
Artista de mil visões
No barro, no berro, no grito
 Com força, talento e calma
 As figuras criam alma.

Não lhe falta inspiração
Esse é um dom Divino
Que guia todos os artistas
Mesmo que falte esse dom
Que é força do Criador
Ele bem o terá no amor.

Só a solidão o comove
(Algo anormal aos vampiros)
Não pode passar mil anos
Sem outros seus semelhantes
Antes que o atinja a loucura
Busca outra criatura.

Quem não conhece esse santo
Ogre, Demônio, Fantasma?
Quem não conhece o Vampiro
Zumbi, Caipora, Estrige?
Virgem dama pudorosa
Que ele não lhe chupe a rosa.

Rogai também penitentes
O proteger do Eterno
Vesti o manto de luz
E que ele não os ataque
De dia quando é sol e lindo
O Vampiro esta dormindo.
(1983)

FIM

AUTOR: SÃ DE JOÃO PESSOA

Vida e Morte de Orígenes Lessa



1986

VIDA E MORTE DE ORÍGENES LESSA

Estão de luto as letras
E a cultura nacional
Morreu Orígenes Lessa
Um autor descomunal
Vou tentar narrar aqui
A sua vida terrenal.

Musas da Lira acorrei
Dai-me vossa inspiração
De um escritor de talento
Aqui faço a louvação
Tenha-o Deus no momento
À direita da Sua mão.

Dele eu posso dizer
Teve a vida laboriosa
Desde cedo enveredou
Pelos caminhos da prosa
Acabou na Academia
A carreira gloriosa.

Essa vida vou narrar
Porém me falta talento
Peço aos leitores perdão
Por qualquer cometimento
Que diminua a grandeza
Que exige este momento.

Em 1903
Na linda Lençóis Paulista
Nasceu Orígenes Lessa
O futuro romancista
Poeta e homem de letras
Repórter e jornalista.

Aos 3 anos mudou-se
Para a velha São Luís
E acompanhando os pais
Por quase todo o país
Fez germinar a semente
De um tempo bem feliz.

Desde os 10 anos de idade
Pegou logo a escrever
Fez um pequeno jornal
Como se fosse um lazer
Assim foi o **Beija-Flor**
Que viu o escritor nascer.

Induzido pelo pai
Tentou a teologia
Porém dois anos depois
Abandonou a academia
Foi pro Rio de Janeiro
A vida nova nascia.

De tudo um pouco fazia
Foi também um professor
Estudou Arte Dramática
Foi poeta e tradutor
Trabalhou na propaganda
E depois foi redator.

Assumi o jornalismo
Como projeto de vida
O Escritor Proibido
Teve excelente acolhida
Recebeu Menção Honrosa
Iniciou-se a subida!

No ano de 32
Era um revolucionário
Foi preso lá em São Paulo
Onde era funcionário
E mandado para o Rio
Como um presidiário.

No Presídio Ilha Grande
Cumpru a pena imposta
E logo a revolução
Estava em letras exposta
O movimento gorou
Mas obteve resposta.

Com O Feijão e o Sonho

Recebeu premiação
Da Academia Paulista
Houve a consagração
Foi o primeiro romance
Que iniciou a ascensão.

Havia sempre latente
A alma do jornalista
Dirigiu então a **Planalto**
Uma excelente revista
Deu nome internacional
Ao nosso folhetinista.

O nosso biografado
Era eterno viandante
Foi pros Estados Unidos
Chile, Suécia, Alicante
Suíça e Dinamarca
Um caminheiro errante.

Essa herança paterna
Vinda do tempo infantil
Fez dele meio cigano
Debaixo do céu de anil
Foi botando os pés no chão
Pra conhecer o Brasil.

No ano de 43
Voltou ao Rio de Janeiro
Vieram novos trabalhos
Que lhe traçaram o roteiro
O fizeram respeitado
No grande mundo livreiro.

Um casamento feliz
Com outra boa escritora
Trouxe o equilíbrio perfeito
Pois cronista e tradutora
Elsie Lessa tornou-se
Também uma vencedora.

Depois outro casamento
Completo a felicidade
Casou com uma moça nova
Bonita e de tenra idade
Recém vinda d'Além Mar
Da Lusa Sociedade.

Mas o Orígenes Lessa
Apesar do seu T mudo
Foi um grande falador
Um escritor bem graúdo
Num livro de cada gênero
Escreveu pouco de tudo.

Conto, Romance, Poesia
Literatura juvenil
Tradução e jornalismo
Mais de um livro infantil
Ultimamente estuda
Cordelismo no Brasil.

Cinqüenta livros depois
Tentou a Academia
Já veterano escritor
No entanto não sabia
A quem escreveu 2 livros
Essa vaga perderia.

A tal "eleição" ficou
Como vergonha histórica
Um candidato político
Acostumado a Retórica
Fez da velhinha A. B. L.
Urna academia pictórica.

Mas ele não se entregou
Partiu pra luta de novo
Era cabra acostumado
A ter carinho do povo
E logo então foi eleito
Por isso aqui eu o louvo.

Já entrou na Academia
Como escritor consagrado
Primeiro como contista
Desde 30 premiado
O Feijão e o Sonho teve
O Prêmio Alcântara Machado.

Rua do Sol repetiu
Do romancista o sucesso
9 Mulheres também
Sofreu o mesmo processo
O Evangelho de Lázaro
Ao Pen Clube deu acesso.

A leitura pra criança
Chamou a sua atenção
Uma velha experiência
Teve maior duração
Títulos se sucederam
Cada qual com vibração.

Outra atração ele teve
Pela Poesia Popular
Andarilhou no Nordeste
Só pra ouvir e cantar
Trovadores repentistas
Na viola a improvisar.

Na Casa de Rui Barbosa
Fez trabalho de artista
Acolheu os folheteiros
Apoiou o cordelista
Hoje terá a seu lado
Sebastião Nunes Batista.

Foi esse escritor maior
De talento sem medida
Que nos deixou a obra
Ora alegre ora dorida
E pra coroar o trabalho
Nos deu exemplo de vida.

Então cessou com pesar
A heróica trajetória
De um literato sem par
Que alcançou fama e glória
Orígenes Temudo Lessa
Esta é a sua história.

Nada existe no mundo
Que se compare à tristeza
De ver o corpo de um gênio
Estendido sobre a mesa
Se nesta terra alcançou
O cume da realeza.

A vida nos oferece
Uma estrada bem curta
E quando se alcança glória
A morte a vida nos furta
Só nos resta renascer
Florindo em pé de murta.

Na sua campa constará
Todos os seus altos feitos
Que estão aqui narrados
Nestes versos imperfeitos
Suas obras cobrirão
O mais gelado dos leitos.

Não há poesia que iguale
À realidade da vida
Neste poema retrato
Uma pessoa querida
Que mereceu louvação
Na hora de sua partida.
(1986)

FIM

SÃ DE JOÃO PESSOA



A MORTE DE PEDRO NAVA

Sibila seja a profeta
Ruana a minha seara
Orfeu me traga a lira
Vênus não seja avara
Eis-me aqui temeroso
De contar um lastimoso
Óbito de pessoa cara.

Calíope me socorra
Tire-me desta aflição
Filha da noite e da dor
Traga-me a sublimação
Para contar a história
A quem morreu com a glória
Que conheceu Arião.

Pedro Nava, um mineiro
Nasceu em Juiz de Fora
Em 1903
Falecendo justo agora
Ao alcançar o sucesso
Nitidamente expresso
Em seus livros de memória.

Do Pedro II aluno
Formou-se em medicina
Na arte de Esculápio
Andou sempre por cima
Atendeu todos os pobres
Tinha sentimentos nobres
Essa era a sua sina.

Trabalhou por meio século
Resolveu se aposentar
Largou pois a medicina
Pra poder se dedicar
Somente a literatura
A poesia e cultura
E nelas se revelar.

1925

Na época do Modernismo
Colaborou n'**A Revista**
Mostrando criativismo
Era então nobre poeta
Da liberdade um esteta
Embora com fatalismo.

Já no Rio de Janeiro
Na década de setenta
Publicou **Baú de Ossos**
Contando a vida cruenta
Que foi mesmo a sua vida
Profícua, bela, dorida
Plena de viço... e benta!

Todos amigos saudaram
O grande memorialista
Não narrava só a vida
Era também exorcista
Do tempo em que viveu
Repetindo Prometeu
Transformou-se fabulista.

Após o primeiro livro
Vieram outros sucessos
Balão Cativo, Chão de Ferro
Bem escritos – sem excessos
Beira-Mar, Galo das Trevas
Contavam coisas longevas
Esquecidas do progresso.

Em todos os seus escritos
Havia um particular
Era a presença da morte
Sempre a o acompanhar
Só ela que nos inspira
Da morte não tinha ira
Mas sabia antipatizar.

Mas assim ninguém pensava
Na idéia do suicídio
Quando o ser menos espera
Um sofrimento agride-o
O homem então fraqueja
E a derradeira peleja
Provoca um triste excídio.

Na casa de Plínio Doyle
No sábado se encontravam
Vários intelectuais
A cultura discursavam
Doyle, Drummond de Andrade
Braga, Lacombe (a plêiade)
O Sabadoyle animavam.

O último livro saiu
Alcançou logo a fama
1º lugar nas listas
É sucesso o mimodrama
Prêmio **O Livro do Ano**
Cria fama de proustiano
A crítica toda o aclama.

Pois com 81 anos
Encontrou-se laureado
O mistério cerca o homem
Que o deixa num cercado
Desse jeito Pedro Nava
Os sentidos encarava
Tal qual um apostolado.

Pois essa figura mágica
É uma santa criatura
Recusou ir à A.B.L.
E dono de alta cultura
Adivinhou-se imortal
Além do bem e do mal
E enfrentou a sepultura.

Tinha espírito aguçado
E uma palavra maga
– "Não almejo a Academia
Pois hoje já sou uma vaga!"
E com tal sabedoria
Ficou imortal um dia
Em desconhecida plaga.

Teve centenas de amigos
Na intelectualidade:
Doyle, Vinícius, Bandeira
Savary, Drummond de Andrade
Sabino, Lara, Machado
Braga, Gullar, Jorge Amado
E outros de qualidade.

Esse homem fabuloso
Da vida tudo sabia
Mais que homem era Nave
Que ao espaço ascendia
Durante toda a existência
Fez da vida uma ciência
E da morte alegoria.

Tratou com muito carinho
A Indesejada das Gentes
Era um ser depressivo
Dos poucos sobreviventes
Se tinha medo da morte
Encarou-a como um forte
Pássaro plenipotente.

Pediu no único poema
O jeito de proceder
Na ocasião do seu enterro:
– “Um dia após falecer
Quero a morte com mau gosto
Não envolvam o meu rosto
Quando morto eu estiver”.

"A franciscana humildade!
Não me envolvam em lençol
Embalsamem o meu corpo
Com o mais puro formol
Dêem-me coroas de pano
E flores de roxo pano"
Pedi pro seu pôr-do-sol.

Depois nomeou os amigos
Pra carregar o caixão:
Dr. Renato Pacheco
E Dr. Ézio Fundão
Embalsamaram o morto
E foi pro último porto
Com **debrum no jaquetão**.

Foi no dia 13 de maio
A noite no céu caiu.
Após as 22 horas
Para a rua ele saiu
Depois o surdo estampido
Na Rua da Glória ouvido
...E Pedro Nava partiu.

Alguém lhe telefonou
E o deixou transtornado
Um trote ou coisa séria
Que o havia desgostado
Foi um contato assassino
Que levou o **eterno menino**
A um gesto tresloucado.

Pela noite caminhou
Para poder meditar
Levou um revólver consigo
Na praça foi se sentar
Solidão – má conselheira
A morte ali sorrateira
Foi o Nava visitar.

Da inominável tragédia
Apareça o causador
Na sua consciência pesa
Ter originado a dor
Merece uma punição
Como assassino e ladrão
Se aqui julgado for.

Adeus Nava que é nave
Balão cativo liberto
Um baú guarda teus ossos
Na beira-mar aqui perto
Enquanto um círio tu levas
Um galo canta nas trevas
No pé de fícus deserto.
(1984)

F I M

Algumas citações sobre Sá de João Pessoa

Cantadores, repentistas e poetas populares

José Alves Sobrinho

Editora Bagagem, 2003

ISBN 8589254054, 9788589254052

O cordel televisivo: futuro, presente e passado da
literatura de cordel

Franklin de C. Machado

Editora Codecri, 1984

Literatura de cordel em discussão

Umberto Peregrino

Editora Presença, 1984

Tancredo Neves na literatura de cordel

Veríssimo de Melo

Editora Itatiaia, 1986

Antologia brasileira de literatura de cordel

Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Gonçalo Ferreira Studio Gráfico, 1998

Mito e poesia popular

Lêda Tâmega Ribeiro

FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1987

A solidão povoada

Monique Le Moing

Editora Nova Fronteira, 1996

ISBN 8520907911, 9788520907917

O AUTOR

Salomão Rovedo (1942), de formação cultural em São Luis (MA), mora no Rio de Janeiro desde a década de 1960.

Poesias: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo, 1975; Tributo, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi, 1981; Chuva Fina (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso, 1982; Folguedos, c/Xilos de Marcelo Soares, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilos de Marcelo Soares, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia), 1987.

Em e-Books:

Poesia: Porca elegia, 7 canções, Sentimental, Amaricanto, bluesia, Mel, Espelho de Venus, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks Matutos, Amor a São Luis e ódio, Sonetos de Abgar Renault (antologia), Glosas Escabrosas (c/Xilos de Marcelo Soares).

Contos: O sonhador, Sonja Sonrisal, A apaixonada de Beethoven, Arte de criar periquitos, A estrela ambulante, O breve reinado das donzelas.

Outros: Cervantes e Quixote (artigos), Gardênia (romance), Stefan Zweig (Antologia), Ilha, romance, Meu caderno de Sylvia Plath (Antologia), Viagem em torno de Dom Quixote (Pesquisa), 3 x Gullar (Ficção), Literatura de Cordel (Ensaio), que estão disponíveis grátis na Internet e em:

<http://www.dominiopublico.gov.br>

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Proibida a impressão e comercialização sem autorização do autor. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar aos herdeiros naturais.